

# (Im) possibilidades de uma cultura para além da representação

Franciane Canêz Cardoso  
Róger Albernaz Araújo

**Resumo:** O artigo aborda uma estética cultural resultante das relações estabelecidas no contexto urbano. Os conceitos de aparelho de estado e máquina de guerra, cunhados por Deleuze e Guattari, são movimentados na busca de uma percepção da cadência cultural na cidade de Pelotas. Em uma análise das rotinas que compõem o Café Aquário e o Bar e Restaurante Liberdade, espaços característicos da vida na cidade, percebe-se que o movimento de repetição constitui-se como um dos principais responsáveis por gerir a cultura local. Procura-se, então, trazer à superfície as possibilidades de diferença que acontecem a cada novo encontro e refletir sobre uma tendência de conservação das velhas rotinas que perpetuam uma estética cultural histórica.

**Palavras Chave:** espelho, subjetividade, máquina de guerra, espaço urbano

## The (im) possibilities of a culture beyond the representation

**Abstract:** This article approaches a cultural aesthetics resulting of the establish relations on the urban context. The concepts of the state appliance and war machine, characterized by Deleuze and Guattari are busiest in the search of a perception of the cultural cadence in Pelotas County. Analyzing the routines which composes the Aquários Coffe and the Liberdade Bar and Restaurant, spaces characteristics of the city life, observe that the repetition movement constitutes as one of the major responsible to create a local culture. We try to bring to the surface the

possibilities of the differences which happened in each new meeting and reflect about a conservation trend of the old routines which ones perpetuate a history cultural aesthetics.

**Keywords:** Mirror, Subjectivity, The war machine, Urban space

Há alguns séculos, a humanidade, elegendo o homem como protagonista, tomou para si a tarefa de conduzir o mundo e de imprimir um ritmo à vida. Desde então, algumas regras de conduta foram instituídas e assumiram o status de verdades. Algumas dessas regras podem ser encontradas firmemente enraizadas dentro de um dos estratos mais basilares da vida social: a cultura.

Nesse sentido, o conceito de cultura parece ter adquirido a conotação de algo exterior àquilo que se faz necessário à vida. Por cultura entende-se o que é supérfluo. Esta maneira de sentir, ou deixar de sentir, a cultura deve-se, talvez, a algumas estruturas que direcionam a vida em sociedade. Um aparelho de estado<sup>1</sup>, dedicado

---

<sup>1</sup> Deleuze e Guattari empregam a teoria dos jogos para explicar as relações estabelecidas pelo aparelho de Estado e pela máquina de guerra: “Sejam o Xadrez e o Go, do ponto de vista das peças, das relações entre as peças e do espaço concernido. O xadrez é um jogo de Estado, ou de corte(...). As peças do xadrez são codificadas, têm uma natureza interior ou propriedades intrínsecas, de onde decorrem seus movimentos, suas posições, seus afrontamentos. Elas são qualificadas, o cavaleiro é sempre um cavaleiro, o infante um infante, o fuzileiro um fuzileiro. Cada uma é como um sujeito de enunciado, dotado de um poder relativo; e esses poderes relativos combinam-se num sujeito de enunciação, o próprio jogador de xadrez ou a forma de inferioridade do jogo. Os peões do go, ao contrário, são grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa. (...) Os peões do go são os elementos de um agenciamento maquínico não subjetivado, sem propriedades intrínsecas, porém apenas de situação. Por isso, as relações são muito diferentes nos dois casos. No seu meio de interioridade, as peças de xadrez entretêm relações biunívocas entre si e com as do adversário: suas funções são estruturais. Um peão do go, ao contrário, tem apenas um meio de exterioridade, ou relações extrínsecas com nebulosas, constelações, segundo as quais desempenha funções de inserção ou de situação, como margear, cercar, arrebentar”(DELEUZE, 1997, p.10). Partindo

à manutenção das já conhecidas formas de se colocar diante do mundo, trata de criar um universo fechado para a cultura, onde só exerce alguma função e colhe frutos uma minoria que possui papéis bem determinados dentro dessa composição. Aos demais resta o afastamento desse contexto ou o uso do termo remetendo a sua forma mais primitiva, buscando a etimologia da palavra<sup>2</sup>.

A cultura funciona como mais um substrato da humanidade, a qual, em sua procura pelo entendimento e pela organização da vida, desenvolve maneiras direcionadas de experimentá-la e de se colocar no mundo. Gilles Deleuze diz que “o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou segundo a qual temos o hábito de pensar” (DELEUZE, 1997, p.9). Esse aparelho dita o modo de funcionamento e cria as estruturas que permitem perpetuá-lo. A cultura tem-se colocado como uma dócil usuária de tais mecanismos, movimentando-se a partir da interioridade do aparelho de Estado. O movimento de

---

dessa imagem, pode-se perceber que o aparelho de Estado traz em si modos de funcionamento direcionados. As relações se estabelecem diacronicamente. É a partir dessa estrutura que se constitui a maioria das relações e é ela que se encarrega de fazê-las repetir-se através do tempo. “Quanto à máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irreduzível ao aparelho de Estado, exterior a sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte. (...). Seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose.” (DELEUZE, 1997, p.8). É através dela que se faz possível a diferença.

<sup>2</sup> A palavra cultura, oriunda do latim *cultura*, nasce para designar o “*ato, efeito ou modo de cultivar*”. Trata, então, de cultura como cultivo. Este conceito nasce na França no século XIII. Na época, servia para dar nome às terras cultivadas. No começo do século XVI, passa a designar a ação de cultivar. Somente no século XVIII, a palavra cultura adquire, na língua francesa, oficialmente um sentido mais amplo, passa a servir para designar o fazer, as ações, também em outras áreas. A partir desse período, quando se falava em cultura, tornou-se comum usar complementos como “cultura das artes” ou “cultura das letras”.

repetição que permanece em sua base se mostra então como o princípio encarregado de gerir essa cultura.

Existem ainda movimentos de outra natureza que também se encarregam de dar cadência à vida, aos quais se pode atribuir as mudanças nas antigas estruturas perpetuadas pelo aparelho de Estado, das mais barulhentas às mais sutis. Mudanças que podem ser entendidas como a garantia de renovação das maneiras de existência, da experimentação de outras formas de viver. A cultura, assim como a vida, tem nesses acontecimentos o motor que lhe move e que lhe transforma.

Estes movimentos pertencem a outra ordem de acontecimentos, que nascem sem lugar nem tempo previstos. Máquinas de guerra que constituem um meio de total exterioridade, sendo elas próprias a forma dessa exterioridade. As transformações que estão em sua origem e a imprevisibilidade se fazem condições necessárias para o seu aparecimento. Esses movimentos não se mantêm, não podem ser perpetuados por fórmulas ou esquemas. Quando isso acontece significa que já pertencem à outra esfera, deixam de ser nômades para se estabelecerem em outra forma de existência. Passam então a compor o aparelho de estado no qual os movimentos se repetem incansavelmente.

E é tomando esse aparelho como principal instrumento que a humanidade parece acreditar em constituir uma vida à parte que se modifica, ou não, a partir de seu contato com um mundo externo. Essa ideia habilita um pensar que procede a partir de um dentro, vida humana, e um fora, mundo. Pensar-se enquanto ser que faz parte do mundo pode encaminhar a necessidade de admitir uma incapacidade de controle desse a partir da vida humana.

Levando-se em conta tais processos, é possível pensar que constitui um quase consenso entre aqueles que tratam do assunto a impossibilidade de viver sem uma cultura, a qual parece ter-se

tornado mais um apetrecho do aparelho de Estado. Ela se apresenta como uma herança histórica de hábitos, técnicas de produção, modos de ser e de se relacionar com o mundo. Isso, aliado aos processos que um grupo vivencia e às formas através das quais ele interage com essa herança, produz o que conhecemos por cultura<sup>3</sup>. Talvez, designe a nossa cultura.

Caminhar pelas ruas de Pelotas, em alguns lugares de forma mais específica, pode erigir um retorno a algumas décadas atrás. Circula no ar da cidade o aroma premente de um passado romântico. O cheiro daquilo que um dia ela foi emana de cada prédio através da arquitetura ornada que compõe sua área central. Monumentos históricos<sup>4</sup> que se apresentam com dupla função. Mais

---

<sup>3</sup> Segundo Denys Cuche, no livro *A noção de cultura nas Ciências Sociais*, é no século XVIII que a palavra cultura passa a designar um “conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade” (CUCHE, 1999, p. 18). A partir deste período, as ciências humanas opõem o novo conceito à ideia de natureza, ou de constituição biológica. Cultura estará então associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que será a base das interações sociais. Está inventada a cultura. Ela nasce irmanada à Civilização e a ideia de progresso. O conceito a partir do século XIX a denomina como um conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc. [Como conceito das ciências humanas, especialmente da antropologia, *cultura* pode ser tomada abstratamente como manifestação de um atributo geral da humanidade ou, mais concretamente, como patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica.] O conceito desenvolvido cientificamente para cultura se assemelha àquele o qual o senso comum compartilha.

<sup>4</sup> Françoise Choay elucida os conceitos de monumento e monumento histórico. O sentido original do termo monumento vem do latim *monumentum*, o qual deriva de *monere* que tem o sentido de advertir, lembrar, trazer à lembrança. “A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. (...) O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele

do que lembrar os tempos de opulência que se viveu, esse patrimônio desempenha o papel de espelho<sup>5</sup>. Ao circular pelas ruas e frequentar os espaços que trazem estampados nas suas fachadas a história da cidade, cada habitante se reconhece como herdeiro direto dessa cultura, criada a partir da história contada pelos lugares que povoam a visualidade dos que passam por suas ruas. Assim, o patrimônio histórico de Pelotas reflete imagens que, em um jogo de dupla articulação, constroem identidades.

Desse modo, a trama urbana traz consigo uma multiplicidade de formas e possibilidades de ser que, algumas vezes, percebe-se

---

constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos” (CHOAY, 2001, p.17), enquanto o monumento histórico, longe de apresentar a quase universalidade do monumento no espaço e no tempo, é uma invenção bem datada, do Ocidente. “Outra diferença fundamental observada por Alois Riegl, no começo do século XX: o monumento é uma criação deliberada cuja destinação foi pensada *a priori*, de forma imediata, enquanto o monumento histórico não é, desde o princípio, desejado e criado como tal; ele é constituído *a posteriori* pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes, dentre os quais os monumentos apresentam apenas uma pequena parte. Todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial” (CHOAY, 2001, p.25).

<sup>5</sup> Referência à obra *Através do Espelho*, de Lewis Carroll. No livro, o espelho se coloca como uma passagem entre o mundo real e um mundo fantástico no qual os acontecimentos saem da ordem esperada. O universo encontrado através do espelho por Alice, personagem principal, no começo apresenta-se como um reflexo especular do mundo experimentado; aos poucos, mostra-se como bem mais do que uma inversão dos valores conhecidos, mas como a possibilidade de milhares de desdobramentos de uma realidade. O espelho, então, aparece como um limite entre o mundo real, direcionado por suas estruturas preestabelecidas que se encontram como reflexo desse espelho a sua frente, e um mundo fantástico, onde as direções e possibilidades se mostram como infinitas, o qual se encontra atrás do espelho, através dele. É importante observar que o reflexo que o espelho produz mantém o mundo que está a sua frente. Cria-se, assim, uma relação de dependência: o espelho, ao refletir sempre a mesma imagem, não permite mudanças a sua frente e, sem mudanças, o reflexo se mantém inalterado.

apenas no já dado e deixa-se de viver o potencial que se esconde por trás do não nomeado, daquilo que ainda não se descobriu, do que está por vir, fazendo com que a potência criadora da vida se desvança em formulas identitárias apaziguadoras.

A cidade faz com que se encontre em cada esquina com essa cultura povoada por imagens que são oferecidas aos que se movimentam por seus lugares. Aqueles que por ela circulam logo são absorvidos por seu fluxo, tornando-se mais um em meio à massa, que tanto se pode apresentar com aspecto homogêneo e íntegro quanto se pode mostrar cheia de nuances e singularidades em uma relação de dependência com aquele que a olha.

Ser conduzido pelo olhar talvez seja uma das heranças apolíneas<sup>6</sup>. Através dele se vê o mundo geralmente pelo mesmo ângulo. As imagens produzidas a partir dessa visão deixam de ser dos lugares com suas forças e devires para se tornarem representações, imagens impotentes. Esse modo de perceber se faz a partir da saturação do olhar, vista aqui nas possibilidades e impossibilidades de percepção dos processos que a vida oferece.

Os lugares continuam em seu movimento enquanto o homem, preso ao seu olhar demasiadamente humano, percebe mais rápida e frequentemente o que já conhece das paisagens. O que esse olhar calcado no conhecido muitas vezes produz, a partir da movimentação de modelos universais, percebe-se na modulação daquilo que se vê e que se pode reconhecer do que se vê, processo que deixa escapar o que não pode ser previsto por tais valores. Com isso, corre-se o risco de perder a oportunidade de um olhar à primeira vista e permanecer com a representação do conhecido. Essas representações são criadas

---

<sup>6</sup> Apolo é um importante deus da mitologia grega, filho de Zeus e Leto (uma titânica), representava beleza, verdade, harmonia e inteligência; Representação da beleza das formas.

por olhares que buscam simplificar um complexo emaranhado de forças em imagens.

Demonstração disso é o poder que o homem possui de distorcer as imagens que o olhar lhe apresenta. A partir de um olhar lançado sobre algo, é possível trazer em segundos toda carga referencial que se conhece do objeto. Não se sabe olhar no presente. No exato momento em que se põe os olhos sobre alguma coisa, abrem-se, simultaneamente, incontáveis possibilidades que ligam esta imagem ao seu passado. Cria-se, assim, numa fração de segundos, um inventário de representações sobre o que se vê. Um olhar condicionado.

Assim, o olhar pode tornar-se cheio de entraves, condições, uma barreira invisível que só permite perceber o que está dentro de determinados limites. Erige-se a vida a partir das imagens que a própria humanidade, circunscrita ao seu mundo, oferece. Repetem-se, através do tempo, as imagens que esse mundo reflete. Dessa forma, o olhar mostra aquilo que é e pode funcionar como processo bloqueador de outras possibilidades de percepção. Com o olhar, pode-se ter a impressão de que determinadas configurações, somente pelo fato de existirem de uma forma, em determinado tempo, representam para aquela imagem um estatuto de verdade universal. Circunscvem-se determinadas sentenças e a elas se deve ser fiel. Adquire-se o hábito de pensar por oposição e o desconhecido é classificado como perigoso e algumas vezes imoral.

Com todas as observações feitas sobre o olhar, e a facilidade com que se pode ser apanhado em armadilhas resultantes de seu imediatismo, fazem-se necessárias algumas observações: os modos de funcionamento de um olhar causam efeitos nas imagens produzidas; um olhar que se movimenta, que se entusiasma e desmancha-se no que antes era exterior, faz-se um olhar que se coloca como parte deste mundo externo, força potente de



transformação, possibilidade de metamorfose<sup>7</sup>. Um olhar que vibra. Aí, talvez, comece-se a transpor o espelho.

Percebe-se a cultura apresentar-se primeiramente com o olhar, nas e pelas imagens que ela oferece. Essas imagens trazem consigo o peso de um ser. Produzem-se como resultado de um processo engendrado a partir das relações estabelecidas. Pessoas, prédios, eventos, os modos como se conjugam e se relacionam, produzem essas imagens. Fotografias de algo que já não é, mas para qual se força a presença. O resgate de uma memória<sup>8</sup> que, no ato de ser, estancou as possibilidades de um tornar-se.

As imagens imbricadas no cotidiano da cidade são a aparência resultante das escolhas que se faz. O fato mais simples como abrir os olhos ao acordar demanda que se coloque nele vontade. Cada passo dado implica escolhas. São essas escolhas que desenham o trajeto que se faz e, por efeito, desenham vidas. Cada encruzilhada que se coloca produz uma relação com uma rede de outras vontades, que podem vir a ser mais do que escolhas entre um e outro, resultantes de um movimento, forças da vida. Mesmo assim,

---

<sup>7</sup> Nietzsche cria o termo vontade de potência (VP) para designar o princípio do eterno retorno. A VP é o elemento genealógico *da* força e *das* forças. É graças a ela que essas forças se conjugam de diferentes maneiras, fazendo com que não ocupem posições constantes, mas estabeleçam novas organizações e desempenhem diferentes papéis a cada novo arranjo. É a partir da vontade de potência que se faz possível transformar, criar outros valores que vibrem na frequência que a vida oferece no momento. “Note-se que a VP é um princípio essencialmente *plástico*, que não é maior do que aquilo que condiciona; ele se metamorfoseia com o condicionado, ele se determina em cada caso com o condicionado” (DELEUZE, 1976, p.19).

<sup>8</sup> Maurice Halbwachs (HALBWACHS, 1990), ao elaborar o conceito de memória coletiva, parte da afirmação de que lembrar algo se faz a partir de necessidades colocadas no presente, ou seja, a memória é sempre uma reconstrução do passado feita a partir de outra temporalidade. Ao reconstruir o passado, não necessariamente se faz de acordo com o que de fato aconteceu. Talvez a necessidade de justificar ou entender algo no presente motive os indivíduos a selecionar, ou mesmo inventar, uma memória que se encaixe onde é preciso.

pensa-se em ideias e decisões e deixa-se de perceber que essas constituem uma ilusão da qual se desfruta coletivamente. Olhando com atenção, percebe-se que a humanidade se edifica a partir do já estabelecido, do que vê refletido. Busca-se a fundo cada uma das individualidades escondidas por detrás das supostas singularidades pertencentes à constituição de cada um e, com certa decepção, percebe-se que uma multidão delas compartilha. O que se pensa ter de mais íntimo e singular acaba por fazer parte das singularidades coletivizadas.

As relações que se fazem nesse novo mundo trazido pela contemporaneidade, com todas as suas próteses<sup>9</sup>, tornam-se cada vez mais efêmeras. Relações provocadas ou pelas quais se é provocado. A transvalorização necessária para a adaptação aos novos movimentos dá lugar a uma, às vezes perigosa, flexibilização<sup>10</sup> de valores e posturas. As escolhas que se fazem visam, na maioria das vezes, a que se atenda a contingências momentâneas, a necessidades que logo se apagam. Partindo desse pressuposto, chega-se a um ponto relevante que tangencia a sociedade

---

<sup>9</sup> Conforme Araújo (ARAÚJO, 2002), as próteses têm origem na imagem do cidadão como ciborgue, mescla de homem e máquina. Essa maneira de colocar-se no mundo, potencializada na contemporaneidade, tem na tecnologia sua razão de existir já que essa, incorporada à prática do ser humano, aplica-se como uma prótese extensora dos seus sentidos.

<sup>10</sup> Alfredo Veiga-Neto (VEIGA-NETO, 2008) estabelece uma diferenciação entre o sujeito moderno e o contemporâneo. Segundo ele a modernidade imersa em uma sociedade disciplinar forjava, a partir desse contexto social, cidadãos dóceis, prontos a aceitação das ocorrências oferecidas pelo meio. Enquanto a contemporaneidade, por meio das inúmeras mudanças ocorridas a partir do fim do século XIX, vive o que alguns teóricos como Gilles Deleuze e Michel Foucault chamaram de sociedade de controle, a qual tem gerado cidadãos considerados flexíveis. Essa flexibilidade é explicada por Veiga-Neto com a ideia de que o mundo contemporâneo se transforma cada vez mais rapidamente; por isso, é preciso de que os sujeitos que o compõem sejam flexíveis, maleáveis, adaptando-se às mais diversas situações em períodos de tempo cada vez mais curtos, exigindo, assim, que seus sujeitos estejam imersos em um constante processo de metamorfose.

contemporânea: quais são os modos de funcionamento da ética nestas relações tão marcadas por influências e valores que, em última instância, têm buscado atender a uma necessidade sempre latente de adaptação? Quais são as forças que movimentam as escolhas responsáveis por pintar as imagens de cultura que se dão a perceber?

Viver em uma cidade como Pelotas força, de certa forma, quem se deve ser. Os discursos que a nomeiam cidade histórica cobram de seus habitantes a vestimenta de certas fantasias identitárias na reafirmação das representações. É comum ouvir entre seus moradores comentários inflamados sobre o potencial cultural da cidade, o qual, enquanto devir, se apaga engendrado em fórmulas que tendem a oferecer resultados semelhantes.

Os espaços que se ocupam e aqueles pelos quais se é ocupado, também imprimem marcas e determinam quem se deve ser. Assim, o comportamento, as roupas e o vocabulário utilizados atendem aos pedidos e às exigências desses espaços. Aquilo que a princípio parece uma contingência, aos poucos se torna parte do que se acredita ser, na tangente de uma moralidade universal que dita a necessidade de uma definição de quem se é e daquilo que se deve buscar. E se, por vezes, parece que nada se busca, se é, sem aviso sequer, capturado por modos identitários que forçam um estado de ser. Aplica-se, assim, espontaneamente, a contingência ditada pelos lugares que se ocupam como fator determinante de uma possível e desejada identidade. Quando não, os lugares espalham-se pelo corpo. Acaba-se, então, por fazer parte de algo que se constitui fora. Aqueles lugares passam a se alojar dentro de cada um. Cada vez que isso ocorre, transforma-se o que antes trazia o horror da perda de território e o medo do indefinido em algo que é.

A dicotomia que passa a existir entre o que se é e o mundo no qual se transita, produz-se com o peso de incorporar modos de ser que, em sua completude, excluem a possibilidade de um vir a ser de outra forma. Assumem-se identidades engendradas coerente-

mente no tecido social. Essas identidades contrapõem-se aos incontáveis devires que permeiam cada um. Assim, nesse contraponto, o dualismo entre dentro e fora se faz no ajuste das infinitas possibilidades de um vir a ser a moldes preestabelecidos.

As relações travadas com o mundo se encarregam de criar situações nas quais o homem não se basta e pouco importam as definições identitárias. O que talvez importe vem a ser, no efeito das relações estabelecidas e no desejo fugidio de outro olhar de mundo, uma questão de desmanchar o interior que se pensa bem delineado na relação com as forças de um fora que impulsionam, mais que a vida, um viver. Vibrar na potência que o viver desafia.

Fechar-se dentro da pele pode ser a solução encontrada por aqueles que se cansaram do movimento que esse viver oferece. A pele traz consigo uma forma que talvez seja o encaminhamento para alimentar em cada um a ilusão de singularidade, o sonho de identidade. Imperceptível ao olhar são as mudanças sofridas por essa pele a cada situação vivida. Ela se dobra, vibra e se modifica. Forçar uma imutabilidade nesses movimentos pode significar estancar a própria vida. As possibilidades e impossibilidades de um viver.

Parece que o modo como as pessoas agem denota quem são e de onde vêm. Um sotaque, um jeito de olhar, acabam por se tornar traços individuais de uma vida e podem produzir marcas para alguns. Quem não as possui? Elas são potentes de fluidez, acentuam-se ou desaparecem a cada outro novo encontro. Talvez isso aconteça também aos grupos. Algumas marcas se acentuam dependendo do momento em que se vive. Em tempos de aceleração, liquidez, desmanchamento de mundos e verdades em velocidades alarmantes, ao homem que idealiza certa estabilidade, talvez se perceba mais acentuada uma busca por definir estas marcas, uma busca às raízes. Mais do que isso, uma construção dessas raízes. Construção que pode ser percebida nas imagens que se produzem

como reflexo das escolhas feitas, imagens que desempenham papel de modelo daquilo que se deve ser e de como se deve agir.

Definem-se, muitas vezes em silêncio, os lugares aos quais se pertence. A partir de então, por eles se circula e se vive. Silenciosamente, desempenha-se o papel que é esperado. Estabelece-se um código de ética, melhor dizendo, uma moralidade, onde está invisivelmente escrito que, após se pertencer àqueles lugares é por eles que se pode passar. Assim, o espaço de circulação fica limitado, talvez irremediavelmente, a uma mesma forma, aos mesmos lugares.

Da mesma maneira, também existem espaços definidos onde é esperado que se entre em contato com a cultura. Ela movimenta um mercado que busca cada vez mais se fortalecer, a custa da absorção de tudo que surge em seu entorno. Unificando e fazendo surgir da heterogeneidade, característica dos centros urbanos, uma imagem de cultura centralizada. Por isso, buscar perceber o mundo com os demais sentidos, para além do olhar, pode significar transcender essa aparência, possibilitar os encontros inusitados. Produzir, perceber, apreciar a cultura se fazendo incessantemente.

Os sentidos, quando experimentados nas passagens diárias pelos lugares que se frequenta, mostram-se como outras formas de colocar-se diante do mundo e dos espaços pelos quais se circula. A partir deles se pode produzir uma relação de maior atenção com os espaços por entre os quais se produzem modos de ser. Atenção no que se passa ao entorno! Abrem-se assim precedentes para a percepção de distintas paisagens. Imagens povoadas por devires, singularidades, multiplicidades, e assim mais de mil pedaços de mundo podem se desdobrar a partir das imagens que hoje se vê.

Um esforço para esquecer as identidades fixas trazidas pelas representações oriundas desta cultura, que tem lugar e hora marcados, e uma busca por subjetividades e modos de subjetivação, podem movimentar possibilidades de um vir a ser. Uma

compreensão cede então espaço a uma percepção. Acontece um outro modo de “tornar-se”. Percebe-se uma imprecisão. A experimentação dessas outras maneiras de se colocar diante do mundo aproxima a possibilidade de eliminação entre um dentro e um fora quando se fala em humanidade e vida.

O mundo sem dúvida mudou. O sólido de outrora se desmancha no ar. As verdades que se buscavam com veemência tornaram-se circunstanciais. Essas mudanças trouxeram com elas a angústia de não saber o que esperar. Se, por um lado, na pós-modernidade, o homem pode-se colocar como senhor do tempo, já que conhece a importância de geri-lo, de outro, é preciso esperar que as coisas aconteçam e que as forças ajam. Talvez não caiba mais ao homem se agarrar à ilusão de ser o centro da vida, símbolo máximo de uma racionalidade inventada na modernidade. Já pode ser bastante difícil ter que lidar com a inevitabilidade das frustrações, resultados da diferença entre o que a racionalidade idealiza e o que se dá no plano da realidade, dos acontecimentos.

Ao homem conformado e dócil, cunhado pela modernidade e sua disciplina, a qual penetrava por seu corpo e mente, sucede um homem eternamente insatisfeito. A busca por símbolos que o representem talvez sirva como um alívio para a dispersão que o permeia. A cidade e o contexto urbano possuem cada vez menos espaços para coletividades. Embora se frequente muitos lugares chamados públicos, talvez seja nesses que se possa sentir com mais força uma solidão que preenche o mundo e as relações que o produzem.

A tentativa de reconhecer e defender determinadas identidades coloca-se como uma maneira de pertencer a algum lugar. A busca por enunciados já afirmados em grupos sociais estratificados se apresenta, quem sabe, como a solução para o estar em um mundo que não propicia mais verdades absolutas nem opiniões universais. Um mundo onde os acontecimentos necessitam ser experimentados. Um mundo que substitui a disciplina pelo controle

e impõe um número incontável de obstáculos para seus habitantes, os quais, em sua maioria, são cidadãos cunhados sob padrões que ainda oferecem verdades unânimes.

A velocidade dos acontecimentos, colocando o tempo como um fator que se coloca como vilão, favorece a escolha por caminhos mais fáceis, já traçados. Nessa corrente, faz-se notória a falta de um cuidado de si<sup>11</sup>. Poucos são aqueles que se importam em indagar porque estão se tornando o que são. Nesta liquidez que perpassa as relações que envolvem os agentes contemporâneos, outra pergunta também se perde: o que estamos ou estão fazendo de nós?

Alguns grupos que circulam pela cidade, geralmente bem delineados com suas respectivas características, parecem resistir ao movimento do entorno. Ano após ano essas características permanecem. Sua resistência faz lembrar algumas máquinas institucionais, as quais, com suas estruturas predeterminadas, se mantêm alheias às intempéries oferecidas pela vida. Que processos sociais, históricos, econômicos conduzem a formação de subjetividades desses grupos? Que forças os mantêm aparentemente tão íntegros dentro da estrutura social? Que devires se mantêm omissos a partir desses processos sofridos?

Perceber a cultura fazendo-se em cada gesto é o desafio que se apresenta. As cristalizações têm servido para que se acumulem materiais, subsídios para falar do passado. Com isso, o presente aparece continuamente em déficit, como se fosse impossível se igualar ao que já passou. Imagens que se apresentam hoje como símbolos de perfeição, idealizações. Representações criadas a partir de uma memória que, sem pudores, constrói lembranças e identidades. Talvez essa maneira de se relacionar com o passado só

---

<sup>11</sup> No discurso dedicado à formação da "hermenêutica de si" (FOUCAULT, 1981-1982), Foucault buscou estudar o cuidado de si, analisando-o em relação a um conjunto de práticas que tiveram uma grande importância na Antiguidade clássica ou tardia. O cuidado de si aparece, então, como uma intensificação das relações sociais. Ela não constitui um exercício da solidão, mas, sim, uma prática social.

possa deixar de interferir nas relações travadas no presente a partir do esquecimento, como coloca Nietzsche<sup>12</sup>. Utilizando-se desse esquecimento, pode-se tornar possível a construção de outros caminhos, deixar de lado os antigos paradigmas da modernidade que delimitam, objetivam e buscam respostas claras, algo que na dimensão da vida é, no mínimo, quimérico. A percepção, a vivência de uma cultura, pode acontecer em uma dimensão mais real, no sentido de mais próxima da vida e de seus movimentos. Para tanto, faz-se preciso criar a todo o momento maneiras de viver estas práticas. Dar atenção aos caminhos que se percorre. Esquecer, quem sabe, os caminhos já percorridos.

As transformações que se busca podem ser de uma ordem que está aquém das possibilidades humanas, da esfera racional. Sendo assim, de nada adianta buscá-las, é preciso percebê-las. Elas acontecem em um ritmo tão frequente e com tal velocidade que podem passar despercebidas se os sentidos não se põem aguçados. Outras são as transformações que se produzem nos resultados dessa busca e para elas também é preciso atenção. Elas podem acontecer em momentos nos quais o chão firme, sobre o qual antes se pisava, tende a desaparecer. Momentos de desterritorialização que abrem possibilidades de mudança. Faz-se em efeito dessa transformação um movimento de transvaloração de verdades sobre

---

<sup>12</sup> Na *segunda Consideração Intempestiva* (NIETZSCHE, 2003), escrita em 1873, Nietzsche valorizou os principais aspectos do esquecimento e sua importância para os animais, assim como questionou o excesso de memória e suas consequências negativas para os humanos. Para ele, os animais vivem sempre ligados ao limiar do instante já que não possuem memória para fazer com que esse retorne. Assim, para o autor, os animais vivem a-historicamente, diferentemente dos seres humanos, seres históricos, que se utilizam excessivamente da memória, estando continuamente ligados a outras temporalidades através dela, permanecendo, assim, em um processo de negação da vida. Esse excesso de desenvolvimento da memória, para Nietzsche, pode levar a um desgaste, a um cansaço de viver, pois inviabiliza o esquecimento, o qual confere ao homem a capacidade de criação. Para o autor, a exemplo dos animais, é possível viver sem memória; entretanto, é impossível viver sem o esquecimento.



as quais se erigia o território seguro. Isso traz à superfície o gosto da dúvida e aquilo que recebia o caráter da ordem do indubitável, agora vibra ao som de uma interrogação.

A cidade de Pelotas prima por alguns símbolos, considerados representantes de uma identidade tipicamente local. Inegavelmente, estes símbolos fazem parte do repertório intelectual, visual, da maioria de seus moradores. Torna-se possível dizer que a criação de tal identidade em seu contexto obtém relativo sucesso. Os habitantes da cidade se orgulham ao falar de seus doces e de seus monumentos. Tem-se uma subjetividade criada que, embora o conceito não aceite tal dicotomia, deixa clara a imposição de ideias externas, geradas a partir de um processo, não de criação, mas de repetição. Mas, será mesmo que as pessoas se reconhecem nesses símbolos de identidade? E que outras culturas movimentam virtualmente Pelotas hoje? Que devires caminham junto com as identidades assumidas por seus moradores?

Uma das definições mais antigas de cultura diz que a palavra serve para designar o “ato, efeito ou modo de cultivar”. Trata então de cultura como “cultivo”. Este conceito nasce na França no século XIII e ainda hoje se aplica à cultura que se produz em alguns lugares de Pelotas, espaços em que fica bastante claro o processo de continuidade e repetição que movimenta a produção cultural na cidade.

Quem nunca se sentiu intrigado pela movimentação do Café Aquário? Localizado na esquina da XV de Novembro, uma das ruas mais movimentadas da área central. Naquele lugar, naquela esquina, o tempo parece não agir. Imune às mudanças e à turbulência do centro da cidade, o café constitui um de seus espaços mais tradicionais<sup>13</sup>. Um lugar que se oferece como local de fuga das

---

<sup>13</sup> Stuart Hall (HALL, 2000) fala sobre a desfragmentação da identidade na pós-modernidade. Os sujeitos, em um contexto de fluidez cada vez maior, não seriam

rotinas que aprisionam aqueles que circulam pela cidade, mas que acaba se estabelecendo como mais um ponto dessa rotina.

O Café Aquário constitui mais um braço institucional da cultura que se engendra em Pelotas. As relações que o mantém baseiam-se na reprodução. E aqueles que o têm como um de seus espaços de rotina encarregam-se de cultivá-lo. Lá não é mais o homem que preenche os espaços, mas o próprio café, com seus cheiros, suas vidraças oferecendo imagens da cidade, que se espalha pelo corpo daqueles que o frequentam.

Cristalizações. Uma Cultura de representações é o que se vem construindo. Pelotas produz uma relação bastante peculiar com a esfera da cultura. Esta estética cultural se faz por meio de uma estrutura que tem seus meios de funcionamento bem determinados. A cidade e seus espaços logo absorvem qualquer corpo estranho. Entretanto, nos movimentos que a vida e o homem vêm gerando, faz-se possível perceber algumas sutis mudanças nessa estrutura e os espaços da cidade desempenham crucial papel para isso. A vida corre. Muitos são os interesses, os afazeres. A diversidade de gostos e possibilidades de escolha multiplicam-se em cada esquina. Neste movimento, a vida na cidade assume suas muitas caras. Cada homem assume suas muitas caras.

O centro da cidade apresenta imagens que se tornaram representações de grandiosidade. Incrível é perceber como os lugares mais simples colocados em meio a esse contexto passam a compartilhar a imponência deixada como relíquia. Tornam-se quase personagens em um presente que, em seu fazer, já toma ares de

---

mais capazes de se identificar com um todo sólido. As conformações identitárias, então, dar-se-iam de acordo com certas circunstâncias. No entanto, Jeudy (JEUDY, 2005) nos fala da busca que esses mesmos sujeitos empreendem por tradições e valores que lhes pareçam mais concretos para que possam, ainda que ilusoriamente, se fixar. As tradições desempenham esse papel com maestria, principalmente em momentos de crise.

passado, de história. O Bar Liberdade é um dos palcos por onde passam muitas dessas personagens, talvez, o próprio bar tenha-se tornado um. Sem figurinos luxuosos e textos elaborados, nesse espaço, estabeleceu-se um modo de funcionamento singular.

Mais um dos pequenos universos que compõem a cidade. Lá, ao som do Choro, ritmo que ganha vida com *Avendano Júnior* e o *Regional*<sup>14</sup>, o anoitecer parece ser a fronteira que separa as rotinas cotidianas daquele espaço, onde a música, a dança, a bebida e a boemia dão ritmo ao pedaço de mundo que lá se criou.

Olhando com cuidado para este universo, percebe-se que ele pode funcionar como mais um dos lugares que, numa relação de troca com aqueles que o frequentam, tanto dita regras quanto erige seu modo de funcionamento a partir delas. É no início das noites que, nesse lugar, se estabelece a possibilidade de encontro entre os sistemas que ele mantém. Que sistemas são esses? O homem, em sua ilusão de criação de um mundo à parte, utiliza seu tempo organizando as estruturas desse. Modos de funcionamento que, de tão repetidos, já se fundiram naquilo que o homem, dito civilizado, considera natural. Hábitos. Eternos retornos onde a mudança, quando possível, é cuidadosamente evitada. Talvez deixada para um próximo pôr do sol. No espaço do Bar Liberdade, esse pôr do sol separa mundos tão distintos quanto dependentes. As pessoas que ocupam o espaço durante o dia permeiam um espaço de circulação e de vida muito diverso daqueles que o frequentam durante a noite.

Quando o sol se mostra e o centro da cidade ainda pulsa com seus espaços comerciais, o Liberdade assume ares de oásis, lugar de

---

<sup>14</sup> Músico e compositor autodidata, *Avendano Júnior* e o grupo de músicos que o acompanham podem ser incluídos, no estado do Rio Grande do Sul e em particular na cidade de Pelotas, como “autênticos representantes do processo de continuidade da difusão do choro” (SILVEIRA, 2007). O grupo tem seu repertório formado basicamente por sambas-canções, valsas e choros. *Avendano Júnior e o Regional* atualmente se reúnem todas as quartas, sextas e sábados no Bar e Restaurante Liberdade.

abastecimento em meio ao tumultuado trânsito de gente e veículos. Seus frequentadores diurnos, na sua maioria, têm seu ponto de origem como algo em comum, o que se pode aclarar com uma explicação de ordem geográfica. O lugar localiza-se na Rua Marechal Deodoro, um dos pontos de maior fluxo de veículos, principalmente transportes coletivos. Essa é uma das ruas pelas quais moradores dos bairros e da zona rural têm acesso ao centro da cidade. A localização favorece o acesso desse tipo de público que, em geral, tem seus locais de circulação bem definidos no perímetro urbano.

Estrangeiros, no que diz respeito ao centro da cidade e seu ritmo, compõem o grupo que, durante os dias, quando a engrenagem que move a cidade está em pleno funcionamento, povoam o espaço do Bar Liberdade, que desempenha então papel de restaurante. Neste período, os que procuram o espaço não têm nele um lugar. Não se fazem vínculos. Não se criam Histórias. Constitui-se um ponto de passagem, um não lugar<sup>15</sup>, onde aqueles

---

<sup>15</sup> Marc Augé (AUGÉ, 1994) cria uma diferenciação entre não lugar e lugar antropológico. Este, segundo o autor, constitui uma invenção social. É a identidade desse lugar que une um grupo. Ele é identitário, relacional e histórico. O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história. O lugar antropológico é apenas ideia parcialmente materializada. Assim, segundo Augé, um espaço que não pode se definir, nem como identitário, relacional ou histórico, definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que não integram os lugares antigos. Designamos por não lugar duas realidades complementares distintas: espaços constituídos com relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação mantida pelos indivíduos com estes espaços. Os não lugares criam tensões solitárias, eles medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só diz respeito indiretamente aos seus fins. O espaço do não lugar não cria identidade singular, nem relação, mas sim solidão e similitude. A atualidade e a urgência do tempo presente reinam neles. Acrescente-se que o não lugar existe nas mesmas condições do lugar antropológico: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem e relações se reconstituem nele.

que o mantêm não procuram outra coisa além de se abastecer. Um abrigo em um meio estranho.

O pôr do sol, o cessar do tráfego e do fluxo comercial fazem emergir outro mundo dentro daquele espaço. Coexistindo com aquele que se erige durante o dia, o universo noturno faz surgir grupos que desempenham distintos papéis nesse cenário. Grupos que em nada, ou quase nada, se assemelham aos de que se falava antes. Diferentes no modo de ser, no modo de ocupar aquele espaço. Diferentes no propósito.

À noite, o Bar Liberdade também pode ser tomado por um oásis. Os que o frequentam também procuram se abastecer. Contudo, a matéria e a forma desse abastecimento são de outra ordem. Se antes ele constituía um lugar de passagem, ou um não lugar, no período noturno criam-se raízes, fortalecem-se vínculos. Quando cai a noite, o Liberdade se torna um lugar. Um oásis, não mais do abastecimento de matéria primária, comida e bebida, mas de matéria nobre, de cultura. Torna-se *Cult* frequentar tal espaço. Mas é importante que antes de se seguir com essa análise se esclareça qual acepção do termo *Cult* está sendo tomada como base. Existe uma consciência geral, ou senso comum, que atribui ao termo um ar aristocrático. Como se ele guardasse em si tudo que é elevado, como se ele fosse o principal responsável pelo arrebatamento, pelo entusiasmo, pela inspiração. É uma compreensão que consente pensar que só aqueles que compartilham desse *Cult* são agraciados com a dádiva da criação.

Partindo deste entendimento, é criado um mundo paralelo, onde os que compartilham desse universo se distinguem dos demais homens, de necessidades menos nobres, para pensar dentro do que o termo sugere, e criam seus espaços de circulação, que circunscrevem este pretense mundo criativo a poucos. Talvez aos que se dediquem a perpetuar esta estrutura. É assim que muitos compreendem a palavra e sua definição.

Apesar de este sentido ser o que se toma mais comumente, faz-se necessário à análise começada que se utilize outra acepção do termo, definida por teóricos<sup>16</sup>, e que se presta a uma apreciação mais detalhada. *Cult*, no sentido que se toma então, denota um universo de aparências. Explica-se isso com o fato de que aqueles que mergulham nesse universo, embora queiram pensar que estão compartilhando valores caros, elevados para a cultura enquanto espaço que se presta a criação e fruição, estão de fato contribuindo para perpetuação de valores que já esgotaram sua função, que agora nada mais são do que fórmulas simplificadas. Valores já corrompidos utilizados com fins comerciais.

Assim, não somente o Liberdade, mas outros espaços da cidade se disfarçam sob a fantasia do *Cult*. Fantasia que se espalha pelos corpos que povoam esses lugares. Consegue-se então, com facilidade identificá-los, rotulá-los. Os rótulos grudam-se em uma relação de dupla articulação, a exterioridade que os infringe depende da aquiescência dos que os recebem, e vice-versa.

Constitui-se, nas noites do Bar Liberdade, um lugar que, mais uma vez, muitos acrescentam a sua vida e passam a frequentar cotidianamente. Além desses, muitos são os personagens que habitam o espaço: os músicos, o garçom, o dono do bar e alguns casais que vão lá todas as semanas, talvez no intento de, através da música, reviver outro tempo. Nestas noites, aquele ambiente deixa de ser só mais um espaço de trânsito, mais um não lugar, para se tornar um lugar propriamente dito. Um espaço de encontro, no qual se erige um mundo que se desmancha a cada nascer do sol e volta a se erigir quando ele se põe. Um mundo que parece ir de

---

<sup>16</sup> Umberto Eco trabalha com o conceito de *midcult* para definir “obras que parecem possuir todos os requisitos de uma cultura procrastinada, e que, pelo contrário, constitui uma paródia, uma depauperação da cultura, uma falsificação realizada com fins comerciais” (ECO, 1979, p.37). O autor trabalha ainda com o conceito de *masscult*, o qual denomina como uma cultura para as massas, enquanto o *midcult* pode ser entendido como uma cultura média, pequeno-burguesa.

encontro à vida, rejeitando o diferente, a diferença. Um universo que prima por cultivar aquele modo específico de funcionamento, que se movimenta exclusivamente dentro daquele espaço, em uma relação contínua de dependência com aquele público.

São universos que se criam nas margens do fluxo que a vida apresenta. Espaços que, em sua aparente espontaneidade, escondem batalhas diárias travadas com o entorno. Falando mais especificamente sobre o Liberdade, tocar outros estilos musicais certamente atrairia uma outra clientela, que implementaria outros hábitos naquele lugar. Esta corrente dentro do pensamento que se desenvolve sobre cultura na cidade pode significar a irremediável morte do Liberdade, enquanto que, a partir da proposta de uma cultura viva, cambiante, que se reconstrói de acordo com as forças que a vida coloca, significa o constante renascer daquele espaço.

O espaço ilustra o ciclo que a vida nos oferece. A possibilidade, em cada despedida ou retorno das noites, de quebrar as regras que foram sendo desenhadas. Cada vez que o sol se põe naquele lugar, apresenta-se a oportunidade de fazer de outras formas, o que as velhas rotinas insistem em conservar.

Trazendo novamente o Café Aquário, ele, assim como o Liberdade durante o dia, apresenta-se aos olhos menos atentos como mais um local de abastecimento. Outro não lugar dentre os tantos que povoam o centro da cidade. Mas, observando com mais cuidado, ou com certa frequência, percebe-se as peculiaridades que caracterizam esse espaço. Lá também existem personagens. Pessoas que fizeram daquele espaço uma extensão de sua vida, de sua rotina. Criou-se um lugar, cunhou-se uma rede de vínculos afetivos, relacionais e históricos, que envolvem seus personagens e os mantém atrelados aquele espaço.

No Café Aquário, a relação de dupla articulação da qual se falou antes também se configura. Existem os que passam pela rua e os que olham através da vidraça e têm convicção de não pertencerem

àquele universo, os que já restringiram seu mundo, seus lugares, por outros caminhos, outras ruas quem sabe. O olhar externo tem pronto o perfil daqueles que frequentam o Café. Silhueta que só se delinea por conta do que acontece naquele espaço. Lá, como já foi dito, é o Aquário, o seu espaço, que se alastra pelos corpos dos frequentadores<sup>17</sup>. Esses espaços apresentam-se como “máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como universos incorporais” (GUATTARI, 1992, p.148).

São exemplos de espaços que com suas especificidades, se põem em movimento junto aos que por eles transitam. Lugares e não lugares. Dias e noites. Centro e periferia. As dicotomias se embaralham. Cada espaço traz em si a mistura de cheiros, possibilidades, devires. Mistura própria dos homens que os constroem e mantêm. Mistura que não se desmancha dentro da aparência heterogênea trazida pelos envelhecidos hábitos.

Mas o que se passa? Por que esta persistência em eternizar determinados modos de ser? Talvez “no fundo haja sempre a nostalgia de uma época em que os valores da cultura eram um apanágio de classe e não estavam postos, indiscriminadamente, a disposição de todos” (ECO, 1979, p. 36). Talvez se torne excessivamente arriscado buscar a cultura por outro viés, criá-la.

E, assim, a vida se produz, ou se reproduz. E a princesa<sup>18</sup>, já cansada, ainda espera pela coroação, pelo momento de se fazer

---

<sup>17</sup> Segundo Félix Guattari, quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, relacional, afetivo. Assim, os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciativas. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação. “Não seria demais enfatizar que a consistência de um edifício não é unicamente de ordem material, ela envolve dimensões maquímicas e universos não corporais que lhe conferem sua autoconsciência subjetiva” (GUATTARI, 1992, p.160).

<sup>18</sup> O codinome *Princesa do Sul* passou a qualificar Pelotas, sobretudo a partir do último quartel do século XIX. No Carnaval de 1882, quando andava acirrada a rivalidade entre Pelotas e Rio Grande (por questões políticas), o quinto carro



rainha. Nessa espera, quem sabe por medo de que qualquer alteração neste cerimonial possa lhe negar o prometido título, os rituais se repetem. E os súditos da velha princesa, quiçá sem nem saberem bem o porquê, a mantêm princesa. Eternizada ao sul.

## Referências

ARAÚJO, Róger Luís Albernaz de. *Educações de mim: tramando desejos na salas de chat*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal de Pelotas, 2002. Dissertação de Mestrado.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CARROLL, Lewis. *Alice: edição comentada/ As aventuras de Alice no País das Maravilhas- Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio-Sociedade Cultural, 1976.

---

alegórico de um dos clubes pelotenses conduzia um velho, de cócoras, simbolizando a cidade vizinha; acabrunhado, reverenciava esse velho uma menina, sobre um trono, representando a *Princesa do Sul*. Daí por diante “são recorrentes, na imprensa local, as manifestações dessa evidência. Na década de 1880, Pelotas encontrava-se no pleno apogeu do seu desenvolvimento econômico, urbano, social e cultural; sua população equiparava-se, em número, às populações de Porto Alegre e de São Paulo; nada menos do que nove charqueadores adquiriram, nesse decênio, a condição de barões do Império. Nada mais natural que a autoestima de cada pelotense quisesse distinguir a sua aldeia com a dignidade de um título, e *Princesa do Sul* era bastante consentâneo com a pompa monárquica” (MAGALHÃES, 2006).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelbo das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005.

MAGALHÃES, Mário Osório. Princesa do Sul. *Diário Popular*, Pelotas, 9 jul. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SILVEIRA, Ana Paula Lima. *Avendano Júnior: A tradição do choro em Pelotas*. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia - LEPAARQ - ICH – UFPEL, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo; MORAES, Antônio. *Disciplina e controle na escola: do aluno dócil ao aluno flexível*. In: Resumos do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre questões curriculares. Florianópolis: UFSC, 2008.

**Franciane Canêz Cardoso** é Graduada em Artes visuais (UFPEL); Especialista em Educação (IF-SUL); Mestranda em Educação (UFRGS).

E-mail: fran\_desenho@ibest.com.br

**Róger Albernaz Araújo** é Professor do Programa de Pós-graduação do Instituto Federal Sul-rio-grandense; Mestre em Educação (UFPEL); Doutor em Educação (UFRGS).

Recebido em novembro de 2010

Aceito em abril de 2011